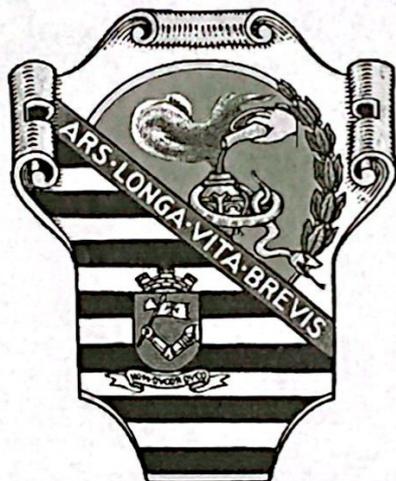




Associação Paulista de Medicina

Coordenação: Guido Arturo Palomba

## Acadêmico



Salvador José de Toledo  
Arruda Amato

Vivemos uma época de muita turbulência. A globalização abalou os valores da ética em nossa sociedade. Todos sofremos com a repercussão, aonde quer que estejamos. Até mesmo, entre nós, nesta centenária Academia, a crise teve seus reflexos: os valores humanos têm sido desrespeitados. A ética, definida por Stephen Kanitz é o limite que se impõe na busca da ambição. É tudo aquilo que não se deve fazer para realizar os objetivos. Como não roubar, não mentir e não pisar no próximo.

Os objetivos da Academia de Medicina de São Paulo são muito claros. Estão definidos no artigo 2º. do Capítulo I de seus Estatutos em vigor e são a seguir relacionados:

- promover e estimular o estudo e o progresso da medicina e das ciências afins;
- realizar sessões em que sejam discutidos assuntos relativos à Medicina e às ciências afins;
- promover cursos e congressos médicos;
- divulgar suas atividades, os trabalhos de seus membros e os conhecimentos médicos em geral;
- opinar sobre todas as questões que envolvam direta ou indiretamente o exercício da profissão médica;
- colaborar com os Poderes Públicos no estudo de questões de caráter médico ou médico-social;
- manter ligações estreitas com entidades semelhantes de âmbito estadual, nacional ou internacional.

Sua ética está estabelecida em seus Estatutos. São as leis que devem ser obedecidas para que a Academia mantenha seus objetivos.

Para atualizar os Estatutos em mol-

des do novo milênio, precisamos saber respeitá-lo, uma vez que ele manteve a tranquilidade e a tradição no decurso de um século. Ele é nossa lei máxima e, por uma questão de ética, não podemos transgredi-lo.

Permito-me fazer uma pequena digressão e falar sobre a vida da águia. Ela é uma ave de rapina de grande porte que habita o cume das montanhas e chega a viver até 70 anos. Mas, para atingir tal idade, ela tem de tomar uma séria decisão por volta dos 40 anos. Nessa idade, ela está com as unhas compridas e flexíveis, não consegue mais caçar suas presas para se alimentar; seu bico alongado e pontiagudo já está curvo; suas asas estão apontando contra o peito, envelhecidas e pesadas em função da grossura das penas; e voar já se torna tarefa muito difícil! Só lhe restam alternativas: morrer... ou enfrentar um doloroso processo de renovação que irá durar quase meio ano.

A segunda opção consiste em voar para a mais alta montanha e recolher-se em um ninho próximo a um paredão, onde ela não precisa voar e ali

começa a bater com o bico contra a rocha até arrancá-lo. Espera nascer um novo bico, com o qual vai depois arrancar suas unhas e com estas as velhas penas. E somente depois de cinco meses ela sai para seu famoso vôo de renovação. E poderá então viver por mais 30 anos.

Em nossa vida, muitas vezes, temos de nos resguardar por algum tempo para começar um processo de renovação. Para conseguirmos um vôo de vitória, devemos nos desprender das lembranças que costumam nos causar dor. Somente quando nos livramos desse peso é que podemos aproveitar o resultado valioso da auto-renovação.

Como a águia, devemos olhar para longe, para o futuro. É evidente que este só se constrói com o alicerce do passado, mas esta Academia tem grandes pilares que já ultrapassaram o século.

Vamos dar o vôo da vitória, caminhar para frente e resgatar o Acadêmico, traze-lo de volta para o convívio de seus pares. Assim, juntos, trabalharemos para o engran-

decimento da entidade e teremos orgulho de missão cumprida.

Nos dias de hoje, só o trabalho em equipe com absoluta transparência e espírito democrático pode ter sua vez numa sociedade moderna e digna. O debate de idéias com espírito desarmado e sem preconceitos é essencial para o engrandecimento de nossa sociedade.

Vamos nos empenhar em agregar os acadêmicos e iniciar uma nova fase. Voltaremos a realizar as Tertúlias Acadêmicas mensais de quarta-feira onde todos poderão levar suas idéias para debate-las.

As primeiras academias da Europa desempenhavam importante função no desenvolvimento científico e na ilustração dos povos dos respectivos países. Algumas delas pagavam acadêmicos para fazer pesquisa, mas estes também realizavam experiências públicas, nas quais demonstravam os fatos que descobriam, quase como representações teatrais ou execuções musicais.

Em nossa época as academias conservam o caráter de geradoras de conhecimento apenas em alguns países do leste europeu e na China. Nos demais países as academias são irrelevantes e os entre os cientistas e entre estes e o governo e o grande público, razão porque devem ser muito prestigiadas e amparadas. A *National Academy of Sciences* dos Estados Unidos desfruta presentemente de grande prestígio e é consultada sempre que tomam medidas que envolvem a ciência do país. Nos últimos anos a Academia Brasileira de Ciências também passou a ser consultada antes da tomada de decisões relativas à pesquisa e a acordos sobre ciência com outros países.

Precisamos projetar nossa Aca-

demia de maneira que ela também passe a ser consultada diante de problemas polêmicos, difíceis ou que possam trazer grandes repercussões na Saúde.

Já que as sociedades Médicas ocuparam o espaço da pesquisa Científica em cada uma das especialidades, resta a Academia envolver a Saúde de modo global com ênfase à Ética na Saúde que, como mencionamos anteriormente, está deteriorada. Mas, nada como uma entidade secular, com membros altamente diferenciados, para iluminar esse caminho.

E, para terminar, gostaria que todos os membros fizessem alguns minutos de reflexão sobre o que seja alma acadêmica.

Ser acadêmico não é receber um título honorífico para ostentar no seu currículo e garantir seu conceito na sociedade. Essa homenagem é conferida não como reconhecimento do que o Acadêmico já fez, mas pelo potencial do que ele aparenta poder fazer. É ter espírito público e não ver o indivíduo mas também a coletividade a que pertence e estar atento, velando pela cultura médica e assim contribuindo para o engrandecimento da Academia.

Todos os Acadêmicos deverão se perguntar a si próprios: o que eu poderei fazer em prol da comunidade e assim merecer o título de Acadêmico?

É o que esperamos de todos os senhores acadêmicos nesse novo milênio. Assim estaremos homenageando Luiz Pereira Barretto que em 1895 fundou esta entidade.

Discurso proferido durante a posse da diretoria eleita para a Academia de Medicina de São Paulo - biênio 2001/2003

Leia:

**Academia de Medicina de São Paulo**

Guido Arturo Palomba  
Página 2

**Antígona, o trágico do direito natural à Justiça**

Marco Antonio Beltrão  
Página 3 e 4

**A Sílfide**

Maria Zilah  
Página 4

artigo

# Academia de Medicina de São Paulo

## Transcendendo dificuldades

**Guido Arturo Palomba**

Na qualidade de presidente eleito da Academia de Medicina de São Paulo, coube-nos a honra de falar em nome da diretoria eleita e as nossas primeiras palavras são de sinceros agradecimentos a todos os que vêm participando, direta e indiretamente, da recuperação desta Entidade, de modo especial, agradecemos aos ilustres confrades que compareceram pessoalmente à sede, no dia da votação, e ao ilustre professor de Medicina, sua Excelência, o Acadêmico Mário Ramos, que muito nos honra e distingue nesta cerimônia de posse da nova diretoria.

Há exatamente 106 anos nasce a Academia de Medicina de São Paulo, que hoje passa por delicado momento de turbulência entre seus pares.

As agruras, as disputas, não são novidades à secular Agremiação, desde a sua alvorada, quando ainda era apenas um sonho. Nasceu em momento muito emocional, em decorrência de desagravo à figura exponencial da história da medicina paulista, Luiz Pereira Barreto, que seria também o seu primeiro presidente.

Em lapidar síntese, sobre a história da Academia, Duílio Crispim Farina, mostra que à época viviam os médicos, em seus destacados labores, quando surgiu uma campanha insólita contra Pereira Barreto, figura importantíssima da vida médica e cultural da época. Um banquete da classe foi a maneira pública de expressar solidariedade ao grande vulto da medicina paulista. Neste dia, reunidos os escutápios, surgiu a idéia da Sociedade. Logo depois, aos 24 de fevereiro de 1895, no consultório de Sérgio Meira, à Rua São Bento, 23, deu-se a primeira reunião preparatória. Presentes estavam as mais lídimas expressões da classe daquele tempo: Teodoro Reichert, Sérgio Meira, Luiz Pereira Barreto, Inácio de Rezende, Pedro de Rezende, Matias Valadão, Ama-

rante Cruz, Candido Espinheira, Erasmo do Amaral, Luiz de Paula, Marcos de Arruda, Carlos Botelho, Arnaldo Vieira de Carvalho e Jaime Serva. A esses nomes distintos, e não menos ilustres, mais vinte e oito se uniram em torno do mesmo ideal, até a instalação solene efetuada aos 15 de março de 1895, no Edifício da Faculdade de Direito de São Paulo, as Arcadas do Convento Franciscano, gentilmente cedido pelo seu diretor, o Barão Ramalho. Porém, a Academia nascera 8 dias antes, aos 7 de março, data estabelecida como início da vida desta Agremiação, dia em que se deu a segunda reunião preparatória, com a aprovação formal dos estatutos.

Vieram os anos, os lustros, o século, e as dificuldades não foram poucas, mas na esteira daqueles adamatadores da ciência e das realizações, assentaram-se às suas cadeiras, pelas gerações sucessivas, as figuras mais exponenciais da arte e da ciência de São Lucas, que souberam, com brilhantismo, ultrapassar todas as dificuldades,

sempre rigidamente atidos à ética e à moral, e a mostrar que para superar obstáculos é preciso ter em mente profícuos objetivos, sem os quais nada é possível.

Assim há de ser agora também: objetivos voltados para a ciência, para a cultura, para a solidariedade, e nesse salutar movimento, que terá o selo do interesse geral e do desprendimento das coisas menores, é que, se Deus quiser, conseguiremos transcender esse tempo de divergências, e dar beleza e sentido a correntiza da vida da nossa Associação. Então, permitam-me bradar: que continuem imorredouros os princípios da união e da fraternidade sonhados por seus fundadores.

Com essas palavras, reiteradamente, em nome da diretoria eleita, agradecemos a todos os presentes e aos que estão a ajudar a soerguer a Academia de Medicina de São Paulo.



Antiga sede da Academia de Medicina de São Paulo, na primeira metade do século passado



À esquerda, rua Roberto Simonsen com Floriano Peixoto



Ex-prédio da Academia de Medicina de São Paulo, na rua Roberto Simonsen

### ACADEMIA DE MEDICINA DE SÃO PAULO

#### Diretoria eleita para o biênio 2001 - 2003

##### DIRETORIA

##### Presidente:

Salvador José de Toledo Arruda Amato

##### Presidente Eleito:

Guido Arturo Palomba

##### Secretário Geral:

Luiz Fernando Pinheiro Franco

##### Secretário Adjunto:

Ceci Mendes Carvalho Lopes

##### 2º Tesoureiro:

Jayme de Oliveira Filho

##### 2º Tesoureiro:

Chao Lung Wen

##### COMISSÃO DE PATRIMÔNIO

Mário Ramos, José Rodrigues Louzã; Marisa Campos Moraes Amato; Arthur Belardino Garrido Júnior

##### COMISSÃO CIENTÍFICA

Cássio Ravaglia; Rozeane Luppino Assad; Celso Carlos de Campos Guerra; Roberto Godoy Marcus Vinícius Sadi; Paulo Kassab

##### ASSESSORIA DE NOVAS IDÉIAS

José Antonio Franchini Ramires; Marco Aurélio Cunha; Rui Telles Pereira; Roberto Costa; Alexandre Gabriel Júnior; Nelson Guimarães Prouença

Fotos Dr. Roberto G. Barreto

artigo

# Antígona, o trágico do direito natural à Justiça

Marco Antonio Beltrão

Toda sociedade requer de seus membros uma conduta adequada aos interesses comuns; e o meio de que se serve para conseguir isso são as leis, as quais devem ter a chance-lógica da Justiça. É claro que a coisa não se resolve tão singelamente, uma vez que demandas individualizadas surgem sempre e em conflito com as normas gerais. A questão é patenteada em outra instância do conhecimento humano e segue existindo sempre, na revolta dos fatos contra os códigos, com configuração no conflito entre o direito natural e o direito positivo. Embora o primeiro não seja formalmente conhecido pela maior parte dos indivíduos aculturados, ele lhes é imanente e dele dimanam os fundamentos para o segundo, transcendente – ensaio, texto escrito das leis catalogadas. Ao falar em outra instância, fala-se de idéia da Justiça, o elemento fundamental para quem e por quem o direito existe e o substancia em sua causa final. A noção de Justiça é a representação ideal do estado de harmonia da sociedade, análoga ao conceito de saúde, admitido para as boas condições de um organismo. Mas a Justiça tem também, ela, a sua dicotomia, assim é que não podemos reduzi-la à simples legalidade, ao mero cumprimento dos deveres jurídicos. Imaginemos uma companhia de ladrões em que a partilha dos bens que roubaram seja feita observando, rigorosamente, ao que eles haviam ajustado. Isto é formalmente justo; mas do ponto de vista substancial, é um ato criminoso, uma negação da Justiça. Af está, a Justiça formal se satisfaz com o cumprimento dos atos obrigatórios, dos deveres jurídicos. Já a Justiça substancial pressupõe que, no exercício pleno dos direitos, sejam satisfeitas as necessidades primordiais de segurança e ordem no âmbito social. Conclusão, tem-se um conceito de feição, digamos, naturalmente prático, a equidade, sem a qual a Justiça, e o direito, não serão mais que meros exercícios oníricos de sonhadores românticos. Para sua compreensão basta o descrito no verbete do Aurélio: equidade – S. f. 1) disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um; 2) conjunto de princípios imutáveis de jus-

tiça que induzem o juiz a um critério de moderação e de igualdade, ainda que em detrimento do direito objetivo; 3) Sentimento de justiça avesso a um critério de julgamento ou tratamento rigoroso e estritamente legal; e o preconizado por Aristóteles na Retórica: “Devemos enfatizar que os princípios da equidade são permanentes e imutáveis, e que a lei universal tampouco muda, pois se trata da lei natural, ao passo que as leis escritas muitas vezes mudam. Esse é o significado dos versos da Antígona de Sófocles, onde Antígona defende que, ao enterrar o irmão, violou as leis de Creonte, mas não violou as leis não escritas.”

E, em obediência ao nível e estilo, impossível abrir mão do brocardo jurídico: “Data accidente morum varietate et causarum variatione, variatur legis dispositio sive lex humana sive sit naturalis et divina.” (Dada a variedade dos costumes e a variedade das causas, varia a disposição da lei humana, ou seja, lei natural e divina).

Tomaremos emprestado da psiquiatria forense, departamento da medicina legal, apetrechos capazes de articular as questões do indivíduo (ser psíquico) com o aparato jurídico. Este instrumental de conhecimento se constitui em atributo axial, desde o qual é possível perscrutar a contenda entre o direito natural e o direito positivo. E, tal questão foi despertada para nós, espectadores, pelo que os meios de comunicação veicularam no início do outono de 2000: dramatização desta antiquíssima dissensão, no decurso do litígio entre um artista, João Moreira Salles – documentarista, e o político, Anthony Garotinho – governador do Estado do Rio, tendo por sua vez, os protagonistas litigantes, um desterrado à guisa de tema, o “Marcinho VP” – traficante de drogas ilícitas. (Para o propósito deste artigo é desnecessário relacionar outros figurantes). Mas, associando-se, livremente, vemos que estas cenas explícitas mostram-nos, na encenação do drama nosso, cotidiano, estarem eles (re)encenando personagens da tragédia grega cita-

da por Aristóteles, – Antígona de Sófocles. Nesta peça, contingências do amor emprestam mais atualidade ao texto e verossimilhança aos atores no atual teatro; o orgulho e prepotência de Creonte são revisitados (deuses do Olimpo, com que frequência!) nos dias de hoje. Fatos essenciais para humanidade vêm à baila, mormente no que diz respeito ao alcance do poder do Estado sobre o existir individual e sua consciência, quer dizer, a antinomia entre os direitos natural e positivo.

O genial ecletismo e riqueza do texto, que permite revezamento aqui e ali, vogar transmutando cenas e papéis (inclusive em gênero), impõe não

mencionar com que personagens do nosso cenário associei aos da tragédia grega. Fica para cada qual o legítimo direito de associar livremente, sem induções – é a natural equanimidade.

Eis sinopse desta tragédia, representada pela primeira vez em Atenas, há quase 2500 anos: Édipo, que já havia se cegado ao desvendar a extensão de sua tragédia (de ter gerado descendentes no ventre da própria mãe), foi expulso pelos filhos (Etéocles e Polínicos), os quais disputavam o trono de Tebas; vagou pela Grécia, chegou em Colono nos arredores de Atenas e aí se instalou, até a morte. Com a orfandade, Antígona e a outra irmã, Ismene, voltaram para Tebas. Etéocles e Polínicos haviam chegado a um acordo, segundo o qual cada um reinaria por um ano. Etéocles teve a primazia de ser o primeiro mandatário mas, ao cabo do tempo acordado, recusou-se a ceder

o lugar que, por direito formalizado, pertencia a Polínicos. Este, apenado por ressentimentos, retirou-se para Argos e lá se casou com a filha do rei local. Do monarca conseguiu instrumental bélico para, sob coerção deste meio cruento, fazer com que o irmão honrasse o trato. A empreitada culminou com os sete chefes militares de Tebas e os sete

de Argos, envolvidos nesta luta, matando-se entre si; o mesmo ocorreu com os filhos, homens, que Édipo gerou em Jocasta. Creonte, tio materno de Antígona herdou o poder, sendo seu primeiro ato ditar que Polínicos ficasse insepulto, (aquele que ousasse desobedecer à ordem seria punido com a morte), para em seguida ordenar que Etéocles fosse honrado com funerais de herói, porquanto no entender de Creonte, “morreu defendendo a cidade”. A ação de Antígona consistiu em querer atender o que lhe ditava a consciência (a obrigação mais grave na cultura helênica dizia respeito ao sepultamento de seus mortos) e os seus afetos, postos acima da lei formal – a formalística preconizada por Creonte.

A atualização do texto é intrínseca, desnecessário esforços. E aqui repasso as personagens, algumas cuja impressionante semelhança com as atuais, chegam-nos aos olhos e ouvidos (e consciência) através de suas “falas” veiculadas pela mídia:

Antígona e Ismene – filhas de Édipo e Jocasta; Creonte – irmão de Jocasta; Hêmon – filho de Creonte e Eurídice; Tirésias – adivinho; Coro de anciãos tebanos; Corifeu; Guarda. Seguem trechos do texto, apenas os mais óbvios.

**Antígona para Ismene** – *Esse é o decreto (não sepultar Polínicos) pelo bom Creonte a mim e a ti (melhor dizendo: a mim somente); ve-lo-ás aparecer dentro de pouco tempo a fim de alardear o edito claramente a quem ainda o desconhece. Ele não dá pouca importância ao caso: impõe aos transgressores a pena de apedrejamento até a morte perante o povo todo.*

**Creonte dirigindo-se ao Coro**

– *Não é possível conhecer perfeitamente um homem e o que vai no fundo de sua alma, seus sentimentos e seus pensamentos mesmos, antes de o vermos no exercício do poder, senhor das leis. Se alguém, sendo o supremo guia do Estado, não se inclina pelas decisões melhores e, ao contrário, por algum receio mantém cerrado os seus lá-*

*bios, considero-o e sempre o considerarei a mais ignóbil das criaturas; e se qualquer um tiver mais consideração por um de seus amigos que pela pátria, esse homem eu desprezarei. Pois eu – e seja testemunha o grande Zeus onividente – não me calaria vendo em vez da segurança a ruína dominar o povo, e nunca trataria os inimigos de minha terra como se fossem amigos.*

**Corifeu para Creonte** – *Assim te apraz, filho de Meneceu, Creonte, tratar amigos e inimigos desta terra, e tens poder – eu reconheço – para impor a lei de tua escolha, seja em relação aos mortos, seja a nós, que ainda estamos vivos.*

**Creonte** – *Sede implacáveis com os rebeldes ao edito.*

**Corifeu** – *Ninguém é louco de buscar a morte.*

*Creonte após ouvir de um guarda que haviam desobedecido à sua ordem – Sei muito bem que os guardas foram corrompidos e subornados para agir assim por eles.*

*Creonte apregoando que pagariam caro pelo insucesso, impõe prazo para que os guardas prendam o autor do crime.*

**Guarda** – *Será melhor, então, achá-lo sem demora.*

*O Guarda tendo pilhado a autora do feito, traz Antígona diante de Creonte. Esta admite a autoria do sepultamento:*

**Creonte** – *E te atreveste a desobedecer às leis?*

**Antígona** – *Mas Zeus não foi o arauto delas para mim, nem essas leis são as ditadas entre os homens pela Justiça, companheira de morada dos deuses infernais; e não me pareceu que tuas determinações tivessem força para impor aos mortais até a obrigação de transgredir normas divinas, não escritas, inevitáveis; não é de hoje, não é de ontem, é desde os tempos mais remotos que elas vigem, sem que ninguém possa dizer quando surgiram. (...) Se te pareço hoje insensata por agir dessa maneira, é como se eu fosse acusada de insensatez pelo maior dos insensatos.*

*continua na página 4...*

**Mas a  
Justiça  
tem também,  
ela, a sua  
dicotomia**

**Quem descerá  
o pano de  
nossa  
encenação  
histórica?**

## artigo

continuação...

**Creonte, ao Coro** – Pois homem não serei – ela será o homem! – se essa vitória lhe couber sem punição!

Sucedem um diálogo entre Creonte e Hêmon que almejava casar-se com Antígona. Nele, Hêmon dá conta ao pai de rumor obscuro, contrário à execução de Antígona, entrevisto pelas ruas: "...ela que, quando em sangrento embate seu irmão morreu (...) não merece, ao contrário, um áureo galardão?" (...) Não tenhas, pois, um sentimento só, nem penses que só tua palavra e mais nenhuma outra é certa, pois se um homem julga que só ele é ponderado e sem rival no pensamento e nas palavras, em seu íntimo é um fútil. (...) Da mesma forma, aquele que mantém as cordas do velame sempre esticadas, sem às vezes afrouxá-las, faz emborcar a nau e finaliza a viagem com a quilha para cima. (...) Porque agindo assim ofendes a justiça.

**Creonte** – Ofendo-a por impor respeito ao meu poder?

**Coro para Antígona**, pouco antes de ser ela sepultada –... mas o poder para seus detentores, não se sujeita a transgressão alguma;

**Creonte para os guardas que levam Antígona** – ... abandonada para, se quiser, morrer (...) estarão

puras nossas mãos: não tocarão nesta donzela.

**Antígona**, numa de suas últimas falas – ... É agora, Polinices, somente por querer cuidar de teu cadáver dão-me esta recompensa! Mas na opinião da gente de bom senso todo o meu cuidado foi justo. (...) Que leis me fazem pronunciar estas palavras? Ao constatar que não mais existe quem dê seqüência à sua genealogia, diz: Obedeci a essas leis quando te honrei mais que a ninguém.. Creonte acha, porém, que errei, que fui rebelde, irmão querido!

**Depois chega Tirésias, recebe-o Creonte** – Nunca fui desatento às tuas advertências.

**Tirésias** – Por isso tens guiado bem esta cidade. (...) E é por tua causa, por tuas decisões, que está enferma Tebas. (...) Os homens todos erram mas quem comete um erro não é insensato, nem sofre pelo mal que fez, se o remedeia em vez de preferir mostrar-se inabalável; de fato a intransigência leva à estupidez. Cede ao defunto, então!

**Creonte** – Há muito tempo a tua confraria me explora e faz de mim o seu negócio; prossegui, lucrai; negociai se for vossa vontade. (...) Tal

como, penso eu, a insânia é o mal pior.

**Tirésias** – Estas enfermo, e gravemente, desse mal.

**Creonte** – Sabes que estás falando com teu próprio rei?

**Tirésias** – Sei, pois graças a mim salvaste esta cidade.

**Creonte** – És sábio, mas também amigo da injustiça.

O desfecho da tragédia é com Creonte tentando reconsiderar o seu edito, porém tarde demais, pois assiste o filho, Hêmon, suicidar-se e toma ciência que a mulher, Eurídice, antes de também se matar, o amaldiçoou como assassino dos dois filhos (o outro, Megareu, havia sucumbido na luta em defesa de Tebas).

E, ficamos nos, expectantes, para conhecer quem descerá o pano de nossa encenação histórica, se por conta da natural e corrente moira, ou a cargo da funesta keres.

**Marco Antonio Beltrão** – Psiquiatra forense, perito médico-legal e perito oficial do Instituto de Medicina Social e de Criminologia de São Paulo.

O texto e as informações da peça foram colhidos na tradução de Mário da Gama Kury, quinta edição da Jorge Zahar Editor.

## LIVROS – LANÇAMENTOS

Sérgio Seibel e Fábio Mesquita acabam de lançar excelente livro intitulado Consumo de Drogas, Desafios e Perspectivas. A obra é apresentada por Drauzio Varella e dela participam vários colaboradores. Os temas abordados são de grande interesse para os nossos dias, todos discutidos em linguagem clara e distinta. Há um capítulo, na nossa maneira de entender, que merece especial atenção, pois encerra princípios dos mais interessantes, ainda que polêmicos: Uso de maconha no tratamento de dependentes de crack. Vale dizer, substitui-se uma droga, dita pesada, nociva e arrasadora do psiquismo, por outra bem menos lesiva. É o que se chama *redução de dano*. A editora é a Hucitec, encomendas pelo fone (11) 543-5810. E-mail: hucitec@terra.com.br

Marisa Campos Moraes Amato, em noite de autógrafos, lançou, na Pinacoteca Ernesto Mendes, da APM, o livro Manual para o Médico Generalista, editora Roca. A obra reúne a contribuição científica, "filtrada" pela experiência, de vários especialistas de renome, com o objetivo de oferecer conceitos básicos e atualizados de Medicina, de maneira abrangente e didática. Trata-se de excelente livro, em verdade indispensável à formação do médico generalista, que terá em suas páginas (664) conteúdo humanístico e cultural para fortalecer e aprimorar o exercício profissional, voltado para o saber e para a devoção ao paciente. Aquisições pelo fone (11) 221-8609. E-mail: edroca@uol.com.br

Maria Zilah lançou, pela República Literária, o livro de poesias O Interdito. Veja, na sessão de poesias deste Suplemento, duas composições suas. Encomendas: (11) 3885-2148.

Renato Posteril, insigne médico, nascido em São Paulo e radicado em Goiânia, especialista em psiquiatria clínica e forense, acaba de lançar, pela editora Inédita, excelente obra: Violência Urbana, na qual trata de temas realmente interessantes aos especialistas e aos não especialistas. Entre eles, destacam-se a influência da violência televisada na criminogênese, os aspectos neurológicos e psíquicos da violência, criminalidade urbana, a questão da segurança pública, propostas para a filoxia do crime etc., tudo tratado à luz das doutrinas clássicas e dos mais modernos conhecimentos técnicos e científicos da atualidade. A linguagem é muito adequada, despida de jargões e hermetismos, sem perder a profundidade filosófica peculiar ao Autor, que já escreveu vários livros de grande importância para as letras médicas nacionais.

## poesias

## Mar Bravio

José Rodrigues Louzã

Quando o sol se põe, ao anoitecer,  
ouve-se melhor o ruído do mar.  
Ele sente, ao longe, a lua a nascer  
e se inflama apaixonado a cantar.

Seu cantar é muito triste e monótono,  
seus beijos não alcançam a sua amada,  
e suas lágrimas rolam no abandono,  
correndo aflitas... terminam em nada.

Eis que o céu, bruscamente se enevoa,  
e a lua, aproveita-se dos enredos,  
para esconder-se da sua companhia.

O mar, inconformado, a amaldiçoa  
e salta violento contra os rochedos,  
procurando alcançar sua fantasia!

## A Sílfiide

Maria Zilah

Como uma sílfiide,  
Danço por entre mundos inimagináveis,  
Num alubrimento  
Quase divino,  
A percorrer caminhos aleivosos...  
Aluada, perdida numa floresta  
Verde, viva, interior...

Movimentos sinuosos, lépidos,  
Sobejando a vida,  
Num evanescimento de mim mesma,  
Libando infinitos prazeres...

A lira plangendo,  
Enredio-me por entre os galhos, as folhas, as seivas,  
a deslizar aérea,  
Desalijando meus medos mais insopitáveis...

## Olhar de Corça

Maria Zilah

Só me ensinaram a ser coelho  
Assustado e lépido,  
Herbívoro e numinoso.  
Do ódio, só o cheiro acre.

Com meu olhar de corça  
Sou sempre vítima,  
Mesmo quando seduzo o predador.

## DEPARTAMENTO CULTURAL

**Diretor:**  
Guido Arturo Palomba  
**Diretor Adjunto:**  
Sérgio Pereira da Cunha  
**Conselho Cultural:**  
Duílio Crispim Farina (presidente)  
Carlos Alberto Salvatore  
Antônio Valdemar Tosi  
Marisa Campos M. Amato  
João Marques Teixeira  
**Cinematoca:**  
Wimer Botura Júnior  
**Pinacoteca:**  
Aldir Mendes de Souza  
**Museu da História da Medicina**  
Jorge Michalany